

A INTERDISCIPLINARIDADE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO SUBPROJETO PIBID INTERDISCIPLINAR FILOSOFIA E SOCIOLOGIA - UFMT

INTERDISCIPLINARITY AND THE TEACHER FORMATION AT “SUBPROJETO PIBID INTERDISCIPLINAR FILOSOFIA E SOCIOLOGIA - UFMT”

Sara Eloani Casali Marques¹

Yasmin Nobre da Silva Cavalcante²

Maria Cristina Theobaldo³

RESUMO: Este trabalho reflete sobre a articulação entre o debate interdisciplinar, as novas diretrizes curriculares propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Novo Ensino Médio e a prática formativa interdisciplinar desenvolvida no Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da CAPES, Edital 2020. Partindo de Severino (2011), é levantado como o debate acerca da interdisciplinaridade é por vezes deturpado para justificar a desdisciplinarização do currículo escolar e, consequentemente,

1 Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), bolsista egressa do PIBID Filosofia e Sociologia. E-mail saraecasali@gmail.com

2 Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - Bolsista Capes, Licenciada e Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: minnobre.yn@gmail.com

3 Professora associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, do Programa de Pós Graduação em Filosofia da UFMT e do Mestrado Profissional em Filosofia (Núcleo UFMT) da UFPR. orientadora do Subprojeto Residência Pedagógica Interdisciplinar Filosofia e Sociologia UFMT/CAPES. Doutora pela Universidade de São Paulo. Atua nas áreas de História da Filosofia Moderna, História da Filosofia e Ética do Renascimento e Ensino de Filosofia. E-mail: maria.theobaldo@ufmt.br

fragilizar o papel da Filosofia e da Sociologia na formação da juventude. Para nosso propósito é conceitualizada uma proposta de interdisciplinaridade crítica, utilizando como exemplo dessa abordagem o processo formativo desenvolvido no PIBID e a partir desta experiência, são geradas reflexões acerca das limitações e incongruências com a transdisciplinaridade e a abordagem das novas diretrizes do ensino médio.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; BNCC; Ensino de Filosofia; Ensino de Sociologia.

ABSTRACT: This paper reflects about the articulation between the interdisciplinary approach, the new curriculum guideline proposed by the National Curriculum Base (BNCC), the new High School and the interdisciplinary formative practice developed in Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia at Universidade Federal de Mato Grosso, linked to Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência [Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation] of CAPES, 2020's public notice. Starting from Severino (2011), it's brings up how interdisciplinarity debate sometimes is distorted to justify the dedisciplinarization of scholar curriculum and consequently, fragilize the Philosophy and Sociology role on youth formation. For our purpose is conceptualized a critical interdisciplinarity proposition, using as an example of this approach the formative process developed at PIBID and from that experience are generate reflections about the limits and incongruity with transdisciplinarity ideas and the approach of high school's new guideline.

Keywords: interdisciplinarity; BNCC; Philosophy Teaching; Sociology Teaching.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de investigar a importância da formação interdisciplinar desenvolvida no Subprojeto Interdisciplinar Filosofia e Sociologia da UFMT, vinculado ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da CAPES, Edital 2020) e refletir sobre o modelo de interdisciplinaridade proposto pelo Novo Ensino Médio e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para esta reflexão, parte-se do texto de Antônio Joaquim Severino, intitulado “Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares” (2011), que apresenta os pressupostos da necessidade da filosofia para a formação dos estudantes de nível médio, trazendo apontamentos para uma estratégia pedagógica interdisciplinar.

Para abordar tais reflexões o texto está dividido em duas partes. No primeiro momento, é feita a conceitualização do que é interdisciplinaridade a partir da abordagem crítica apresentada por Severino (2011), levantando suas potencialidades em paralelo com as incongruências e limitações presentes na BNCC e propostas pelo modelo transdisciplinar. O ponto seguinte versa sobre o Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia como uma experiência concreta de abordagem crítica da interdisciplinaridade.

1. A questão da interdisciplinaridade

Para Severino (2011), o papel da filosofia no Ensino Médio está longe do aprendizado de um apanhado de conceitos, autores e escolas teóricas como é focado nos cursos de graduação. Segundo o autor, para a juventude a filosofia tem a tarefa de conferir significado ao ser, às experiências subjetivas de cada um. Não é algo pré-estabelecido, como fórmula mágica; na verdade, o papel das ciências humanas e

sociais aplicadas e, particularmente, da filosofia, está no exercício da mediação entre os adolescentes, suas realidades subjetivas, particulares e coletivas e as diferentes esferas de significação e subjetivação.

Pode-se afirmar que a filosofia e a sociologia têm um objetivo na formação do sujeito que não pode ser cumprido por nenhuma outra disciplina, apesar de o diálogo com outras áreas do conhecimento cumprir papel de importância na mediação com a realidade concreta de cada um. A interdisciplinaridade, pautada na colaboração entre professores, também ajuda no processo de reforço mútuo das ideias apresentadas sobre a perspectiva de cada disciplina, além de expandir as possibilidades de comunicação dos temas que correspondam com a experiência de cada estudante. A abordagem da qual se parte aqui propõe o jovem como protagonista do conhecimento, pois visa dar condições políticas e sociais para analisar a sociedade em que ele está inserido, tal que:

A grande incumbência pedagógica da Filosofia é mostrar aos jovens o sentido de sua existência concreta. É assim que a Filosofia se torna formativa, na medida em que ela permite ao jovem dar-se conta do lugar que ocupa na realidade histórica de seu mundo, como ele se situa no seu contexto real de existência. Cabe à Filosofia, pois, ajudá-lo a compreender o sentido de sua própria experiência existencial, situando-a em relação ao sentido da existência humana em geral. (SEVERINO. 2011, p. 2)

A proposta interdisciplinar colabora para o desenvolvimento da capacidade do jovem de ler o mundo do qual faz parte e, sendo assim, o ensino das ciências humanas torna-se aplicável mediante a transformação dos conteúdos acadêmicos em conteúdos didáticos de modo que o estudante tenha condições de refletir e relacionar sobre o que ele aprende com a sua própria realidade.

Por um lado, reformadores do ensino médio justificam a ausência da Filosofia e da Sociologia como componentes curriculares na afirmação de que as habilidades e objetivos buscados na sua implementação, não sendo técnicos e informativos, podem ser conquistados na divisão dos componentes entre áreas do conhecimento, o que ainda, de acordo com esta argumentação, favoreceria a integração entre os conhecimentos de diferentes áreas. Severino contrapõe tal argumento levantando que a simples justaposição de conhecimentos não leva à composição ideal da realidade, mas, ao contrário, a diluição da filosofia em meio a componentes técnicos cumpre a tarefa de reafirmar a ideologia dominante, visto que se escusa da reflexão crítica própria do processo de elaboração e reelaboração de ideias proposto pela filosofia.

Por outro lado, para captar o movimento do real, a tarefa colocada pela interdisciplinaridade é estabelecer o diálogo que articula os diferentes olhares alcançados por cada disciplina, de modo a compor uma “[...] teia de significações que se interpenetram”. (SEVERINO, 2011, p. 85). Em outras palavras, a função filosófica em perspectiva pedagógica é “[...] mostrar aos jovens o sentido de sua existência completa.” (SEVERINO, 2011, p. 82), assim, estendemos tal função à sociologia, que é fundamental para que o indivíduo se localize no curso da história.

Assim, uma interdisciplinaridade crítica postula que, para além do tratamento de um mesmo assunto por áreas de conhecimento diferentes, se deve partir da construção base de cada ciência e suas reflexões próprias, sem que tenha que se ater a temas específicos de trabalho em conjunto, mas ainda assim, compreendendo a formação escolar como responsabilidade de todas as disciplinas, da convivência escolar, do contexto. Para que a formação aconteça é necessário que a forma e o conteúdo das disciplinas sejam capazes de se relacionar com o universo próprio dos estudantes e o diálogo entre as diferentes disciplinas surge para colaborar nesta mediação. É possível perceber

que a interdisciplinaridade ainda tem muito a avançar no que diz respeito a sua presença no currículo da educação básica, sendo uma forma útil para aproximar a filosofia do ensino médio do seu papel de situar o estudante no mundo. Mas, contrariamente, o que se tem observado na proposta da BNCC é o deslocamento tanto da filosofia quanto da sociologia do lugar de disciplinas enquanto componentes curriculares essenciais para propiciar aos estudantes ferramentas para desenvolver sua própria leitura de mundo e por meio dela se situar nele.

Segundo Domingues (2011), defensor da transdisciplinaridade, o modelo disciplinar não é algo dado, mas historicamente construído. As relações entre mercado, movimentos sociais e instituições estiveram e estão, ainda hoje, em um processo de disputa de interesses que influi diretamente nas políticas educacionais, bem como na própria formação e concepção do que é ciência, vide a influência predominantemente das escolas de pensamento francesas na elaboração inicial dos currículos de Ciências Sociais no Brasil, impossível de desassociar do processo sócio-histórico de disputa ideológica e também política, cujo berço foi a França.

Como todo processo de implementação de um novo projeto de sociedade, as revoluções burguesas exigiam uma transformação social radical em todos os aspectos da vida, incluindo a educação. Nesse percurso a ciência se expandiu, se especializou e também se fragmentou. O modelo disciplinar que se firmou é atrelado à própria divisão da ciência em ciências, o que implicou avanços em áreas nunca antes exploradas, mas ao mesmo tempo, na medida em que está presente dentro do campo de disputa, a ciência e, deste modo, também a educação formal, se tornaram cada vez mais estranhas entre si e, por isso, distantes da realidade concreta de grande parte dos estudantes, ainda que o fazer científico tenha relação direta com a tentativa de se compreender e compreender seu entorno.

Nesse sentido, olha-se também com criticidade para as formulações sobre uma educação transdisciplinar. De acordo

com Severino (2011), a proposta de um ensino transdisciplinar descaracteriza o ensino pedagógico da filosofia porque não entende a construção filosófica como autônoma. A transversalidade, colocada como um modelo do futuro, atrela a disciplinaridade a um modelo arcaico e da velha educação. Questiona pontos importantes da fragmentação da ciência, no entanto, não chega a questionar quais são seus pilares: remete a história da formação curricular, mas ignora o processo histórico geral do qual a ciência faz parte, colocando a negação das disciplinas como ponto de transformação do velho modelo sem pensar também a partir de que contexto esta estrutura foi criada, ou seja, suas raízes concretas, para a partir disso pensar em que circunstâncias ela pode passar por uma transformação radical, capaz de superar as desigualdades existentes na educação, bem como os padrões mais conservadores, e em alguns casos reacionários, reproduzidos no formato atual.

Partindo dessa concepção, não há definição de uma disciplina como responsável por tratar conceitos específicos e, olhando deste ponto adiante, abre-se espaço também para questionar o papel da filosofia como parte relevante da formação, como de fato ocorreu na própria elaboração da BNCC com a Filosofia e a Sociologia. Trabalhar a interdisciplinaridade, efetivamente, compreende partir de uma base sólida de conhecimento capaz de se relacionar dialeticamente com a experiência da juventude e os problemas postos na sociedade. Entendendo também o papel do Estado em prover uma educação de qualidade para todos, a suposta liberdade fornecida pelo novo currículo do Ensino Médio, que deixa poucas orientações do que deve ser o ensino da filosofia, pode incorrer num processo pedagógico superior para uns e inferior para outros.

A crítica de Severino caminha no sentido de questionar qual é o papel que se pretende com a implementação da transversalidade e no que isso infere para a educação como um todo, mas, sobretudo, na compreensão filosófica da juventude brasileira. Fica ainda em aberto

uma grande questão: por que e por quem é proposta a transversalidade? Quem são os reformadores aos quais Severino se refere? Estas questões pertinentes, que também não podem ser encerradas brevemente como o proposto por Severino, são relevantes de serem feitas em um momento em que a educação pública caminha para a desdisciplinarização. É preciso que os educadores, mais do que qualquer outra categoria, se debruçam não só sobre seu papel e suas estratégias pedagógicas, mas também sobre as disputas estabelecidas no campo da educação e quem são os atores teóricos e políticos antagônicos envolvidos neste processo.

Aprofundando sua análise, Severino aponta caminhos do que pode se configurar como uma interdisciplinaridade que faça sentido e levando em conta estes apontamentos, delimita seis dimensões existenciais para se considerar no processo pedagógico: a facticidade, a historicidade, a praxidade, a politicidade, a eticidade e a esteticidade (2011, p. 91). De acordo com ele, todos esses motes podem ser trabalhados sobre diversos assuntos pelos professores em conjunto, como também dão espaço para aprofundamento no interior de cada disciplina. É por esta perspectiva, de uma base sólida gerada a partir de cada lugar de reflexão, trazidos pelos diferentes componentes curriculares, que é proposta a interdisciplinaridade criticamente, de modo que funcione para criar e reforçar os diálogos entre os conteúdos apresentados e as questões da juventude, individuais e coletivas, conferindo ao estudantes ferramentas para modelar seu papel enquanto sujeito subjetivo que vive em sociedade, e assim também, o papel por excelência da filosofia e da sociologia no ensino médio.

2. A interdisciplinaridade e o processo de formação docente no PIBID

Ao longo dos anos o PIBID tem apresentado resultados expressivos no que diz respeito à formação inicial de professores e à produção de instrumentos teórico-metodológicos para aplicação

em sala de aula. Com base nos elementos levantados por Severino e pelas discussões posteriores nos encontros semanais dos participantes do Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia da UFMT, realizados no período de outubro de 2020 até abril de 2021, compreende-se que a formação interdisciplinar iniciada ainda durante o momento da graduação possibilita a ampliação das capacidades de colaboração entre os estudantes e também professores, e gera a preocupação necessária com o desenvolvimento de componentes curriculares capazes de relacionar as abordagens de diferentes ciências, sem perder de vista as especificidades de cada uma e a base sólida do conhecimento que deve ser desenvolvida em cada área para apreensão do que é o saber filosófico e o saber sociológico.

A prática desenvolvida pelo PIBID UFMT de trabalhar com a realização de projetos nas escolas-campo vinculadas aos subprojetos, cria um espaço privilegiado para se testar e aprender possibilidades de ensino interdisciplinar. Entende-se aqui que o PIBID possibilita não só a formação inicial de professores, mas contribui para o próprio meio científico na medida em que abre espaço e incentiva a divulgação entre pares dos resultados obtidos por meio das discussões coletivas, leituras e práticas pedagógicas.

O partilhar da experiência pedagógica é fonte de aprendizado e de aprimoração teórica, visto que há em andamento a implementação do Novo Ensino Médio que pressupõe os anos finais como consolidação das ciências no ensino fundamental. Tal pressuposição não se aplica especificamente às disciplinas Filosofia e Sociologia, uma vez que grande parte dos discentes da rede pública não possuem acesso a estas matérias no ensino fundamental.

A vivência do PIBID torna-se um laboratório de aprendizagem que leva o licenciando a se preparar para a realidade educacional, principalmente a enxergar possíveis intervenções didáticas interdisciplinares de mediação do conhecimento, sem prejudicar o seu campo teórico específico, uma vez que se cria a consciência

de exercer o seu lugar na instituição, por meio do conceito de interdisciplinaridade crítica aqui em pauta. Salienta-se que o processo de ensinar e aprender deve ser dinâmico, e o PIBID conduz tanto aos professores supervisores, quanto aos em formação, a prática do ensinar e aprender. Como Freire (1996, p.12) conceitua:

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

Há uma particularidade quanto aos professores de Filosofia e de Sociologia, pois, visto que nossos alunos não têm contato ou o têm de forma tangencial com estas disciplinas nos anos anteriores, precisamos iniciá-los, como se inicia uma criança nos primeiros anos da alfabetização. Para isso é fundamental construir um espaço de aprendizagem onde se considere as vivências do estudante em outras matérias e no seu próprio cotidiano, trazendo ao sujeito um espaço na sala de aula no qual possa compartilhar seu conhecimento sobre o tema em tela e pouco a pouco aprender a observar seu entorno com o olhar sociológico, ou ainda, na perspectiva filosófica.

Com o processo de introdução ao conteúdo básico o PIBID se faz útil, pois propicia ao professor em formação o conhecimento da realidade escolar com orientação e acompanhamento sistemáticos antes da prática autônoma. Com isso, o PIBID colabora e prepara para lidar de forma criativa com as mais diversas situações em sala de aula, até mesmo com o desinteresse e a apatia que, infelizmente, é realidade na escola. Nesse cenário a interdisciplinaridade crítica é uma alternativa para exemplificar como o saber filosófico e o saber sociológico são úteis para a compreensão, análise e reformulação da realidade vívida, e como modo de conduzir o aluno a entender a dimensão do que precisa ser aprendido.

Os estudantes vinculados ao Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia da UFMT tiveram a oportunidade de refletir sobre o que é a interdisciplinaridade e seu vínculo com a prática pedagógica e, ainda, como ela se entrelaça ou não nas discussões em voga tanto no meio acadêmico quanto diretamente nas atuais mudanças curriculares.

A possibilidade dessa apreensão surgiu pela própria prática interdisciplinar construída pelo Subprojeto, a qual se constituiu de estudos e discussões com a contribuição de diferentes áreas e profissionais, sempre tendo em vista os objetivos propostos pelo Subprojeto, entre eles o estudo da didática, as propostas curriculares atuais do ensino médio no Brasil e no Estado de Mato Grosso e o papel da filosofia e da sociologia nas matrizes curriculares.

Por meio da base forjada por tais discussões, foi possível não só compreender aspectos teóricos e práticos da educação escolar, como também desenvolver recursos para que os estudantes pudessem se apropriar de um debate complexo envolvendo múltiplas áreas do conhecimento sem, contudo, ignorar seu ponto de partida como futuros professores de Sociologia e de Filosofia. Paralelamente, compreende-se que as estratégias de ensino e de aprendizagem só se efetivam com ferramentas pedagógicas adequadas.

Nesse sentido, o Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia cumpre o papel de discutir e propor formas concretas e eficientes de aplicar a interdisciplinaridade, por exemplo, quando do desenvolvimento dos projetos nas escolas-campo, que possibilitam a aplicação prática dos temas escolhidos e maior participação dos pibidianos, que não só acompanham, como também colaboram em todo o processo de elaboração e aplicação dos projetos. As próprias reuniões do Subprojeto, que se constituem como um espaço de formação atípico na medida em que ampliam os estudos e os debates com a abertura para novos temas e colaboradores, por exemplo com o tema da educação socioemocional. As atividades realizadas pelo Subprojeto, como observado por Severino, compreendem o processo formativo como um dos meios de ampliação do diálogo entre a formação profissional e a realidade com a qual os futuros professores irão se defrontar, entendendo que espaços como os propiciados pelo PIBID não substituem o ensino disciplinar, mas reforçam o conteúdo deste lugar, onde os estudantes podem apreender a partir das especificidades de sua própria área os conceitos e práticas necessários para a formação docente, tanto os professores de sociologia, quanto os professores de filosofia sem, contudo, renunciar ao necessário trabalho interdisciplinar.

Conclusão

Por meio da bibliografia proporcionada na formação inicial do Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia e das discussões nos encontros da equipe do Subprojeto, foi possível estabelecer uma relação de complementaridade entre o debate teórico-prático pretendido pelo PIBID e a aprendizagem para a docência em sala de aula. Esta experiência dialogou diretamente com a discussão proposta por Severino a respeito da interdisciplinaridade, colocando a comunicação entre diferentes áreas como um dos meios

de potencializar mutuamente conteúdos e facilitar o diálogo com a realidade de cada estudante, sem, entretanto, negligenciar o papel fundamental que a filosofia e a sociologia cumprem na formação da juventude. A discussão aprofundada pelo Subprojeto tem propiciado a percepção de certas limitações tanto da Base Nacional Comum Curricular, quanto de propostas transdisciplinares, algumas das quais têm se expressado, sobretudo, no descompasso entre as formulações ideais e suas possibilidades concretas de aplicação hoje.

O texto apresentado aqui intencionou a apreensão crítica dos conceitos e proposições, entendendo que inteirando-se do debate acerca da interdisciplinaridade professores e pesquisadores tornam-se capazes de trazer suas contribuições participando ativamente nas discussões que estão em curso atualmente no campo da educação, seja por meio de formulações teóricas, de estratégias de ensino e de aprendizagem e na elaboração das diretrizes curriculares, ou seja, na prática político-pedagógica concreta. Ademais, destaca-se a importância de fomentar projetos de Iniciação à docência como o Subprojeto PIBID Interdisciplinar Filosofia e Sociologia, capazes de gerar estratégias pedagógicas para o ensino interdisciplinar sem, contudo, perder de vista a importância de ter em conta as particularidades de cada disciplina, sobretudo da filosofia e da sociologia, que historicamente têm sido relegadas do currículo escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

DOMINGUES, Ivan. Disciplinaridade, multi, inter e transdisciplinaridade – Onde estamos. *In*: Colóquio Internacional Biotecnologias e a Condição Humana, 63, 2011, Ribeirão Preto. Belo Horizonte, Editora, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol7.n2.p11-26> Acesso em: 05 de set 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Carlinda. A articulação curricular como sentido orientador dos projetos curriculares. **Educação Unisinos**, Cidade de publicação, v. 16, n. 1, p. 87-92, mês, 2012.

POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique M.; LEVY, Teresa. A interdisciplinaridade: reflexão e experiência. Lisboa: Texto Editora, 1993.

ROLDÃO, Maria do Céu. O Estudo do Meio no 1º ciclo– Fundamentos e Estratégias. Lisboa: Texto Editora, v. 1, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. *Educação em Revista*, v. 12, n. 1, p. 81-96, 2022.

SILVEIRA, Thiago Araújo; OLIVEIRA, Maria Marly; ALBUQUERQUE, Romildo Nogueira. A formação docente personalista em um Pibid Interdisciplinar. **XII Encontro Nacional**

de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Cidade de realização do evento. Disponível em: <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R1370-1.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

UMBELINO, Moacir; ZABINI, Franciele Oliveira. A importância da interdisciplinaridade na formação do docente. **Seminário Internacional de Educação Superior**, Cidade de Sorocaba, v. 1, p. 4, 2014.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A interdisciplinaridade como alternativa à organização dos currículos escolares: algumas contribuições. **ComCiência**, maio 2012, n. 138, 2012. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n138/n138a09.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2022.